

humanitas



Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Vol. 1
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLIX-LX



HUGO HENRICUS PAOLI, *Ciceronis Filius*. Puerilis narratio ad domesticos Romanorum mores illustrandos in usum scholarum redacta. F. le Monnier Florentiae edidit a. d. MCMLVIII. 96 pp.

A obra filia-se na corrente que pretende renovar a didáctica do latim, pondo os jovens em contacto directo com a Roma antiga, lendária e histórica, levando-os a um convívio espiritual com os homens e crianças daquele tempo. É, por conseguinte, um instrumento valioso posto ao serviço do chamado método global e intuitivo, cujos processos de motivação se baseiam no seguinte: da revelação do mundo romano nasce o desejo de conhecer a língua latina. Então, as palavras ganham vida, porque ficam estreitamente ligadas aos seres e às ideias. E o método não pretende ser global apenas na revelação do mundo romano, quer sê-lo até na apresentação linguística — por isso a aprendizagem dos vocábulos, que vão emergindo da visão global, tem de ser feita, não com palavras isoladas, mas por meio de frases. Mais ainda: os globalistas preconizam o contacto imediato com os textos; condenam, portanto, a banalidade ou o ridículo de certas frases soltas... Daí a necessidade de obras didácticas, incluindo pequenos textos latinos, constituídos por frases simples, aumentando gradativamente de complexidade, no que toca à estrutura e ao vocabulário.

Até aqui estão de acordo todos os partidários do método a que nos referimos. Começam as divergências no que respeita ao critério de selecção dos textos. Pequenos trechos de autores antigos? Excertos autênticos simplificados? Textos especialmente preparados, de acordo com as exigências ideológicas, vocabulares e sintácticas? *Ciceronis Filius* de Paoli corresponde à última solução, sem dúvida a mais viável, já que os passos de obras clássicas são quase sempre demasiado difíceis para a fase de iniciação, e não nos parece lícito introduzir-lhes modificações que os poderiam tornar irreconhecíveis.

Hugo Paoli dispôs hábilmente os seus 143 textos, de modo a constituírem uma biografia, onde se contam os factos mais importantes da vida de um jovem romano. Assegura, assim, o interesse dos alunos que, aproximadamente dos 11 aos 13 anos, se entusiasмам com narrativas deste género. Já conhecíamos de A. M. Guillemín a obra «Je parle latin», também organizada de acordo com o mesmo critério biográfico. Mas, aí, apresentava-se a vida de dois desconhecidos — os jovens Lucius e Quintus —, ao passo que Hugo Paoli teve a ideia feliz de escolher para protagonista M. Tullius Cicero, o filho do grande orador romano. Deste modo, a obra adquiriu maior interesse, pois aos olhos do aluno ganha vida a Roma dos fins da República.

Além disso, a narrativa biográfica é frequentemente interrompida pela descrição dos *realia*: *domus, convivia, culina, scholasticum instrumentum, villa urbana, villa rustica, vehicula, vestimenta et calceamenta, thermae, ludi circenses*. E, para recreação do leitor, nem sequer faltam à narrativa as anedotas e os bons ditos de espírito (cf. os subtítulos: *Cicero, homo-novus; Cicero a peregrinis medicis curatur* e *Quantum incommoditatis toga adferat*).

As gravuras valorizam o livro. Louvamos o bom gosto que presidiu à sua escolha e disposição.

Não queremos, porém, terminar sem fazermos algumas observações acerca do vocabulário e estrutura sintáctica.

Falemos do vocabulário. Nunca será demais salientar a sua importância: tem de ser uma preocupação constante para o autor de qualquer obra destinada ao ensino do latim. O erro de muitas obras didácticas tradicionais é darem a primazia à gramática, esquecendo, ou parecendo esquecer, que o vocabulário constitui uma das principais dificuldades dos discípulos na prática da tradução. Quem é que ainda não observou a impaciência ou o desânimo com que muitos deles manejam o dicionário?

Tal dificuldade pode, no entanto, resolver-se ou atenuar-se. Como? Doseando o vocabulário. Já Bézard, no início do século, o preconizava e continuam a afirmá-lo autores de vocabulários básicos de língua latina, como Mathy e Echave-Sustaeta. Estes últimos chegaram até à conclusão de que para a aprendizagem do vocabulário é preferível o critério estatístico a qualquer outro (alfabético, gramatical, etimológico ou lógico). Efectivamente, os estudos realizados por Mathy provaram que, classificando os elementos lexicais por ordem de frequência decrescente, a partir de um limite — aproximadamente 3.000 vocábulos — se torna mínima a vantagem de incluir palavras novas. Com 3.000 atingem-se 90% do vocabulário empregado pelos autores latinos estudados nas classes.

De acordo com este critério, que perfilhamos, parece-nos que em *Ciceronis Filius* a abundância do vocabulário poderá prejudicar a eficiência didáctica da obra. Se, por exemplo, começarmos a ler o texto correspondente ao subtítulo *De Romanorum culina*, deparamos logo com a seguinte frase: *Multa igitur et varia vasa coquinaria erant: ahena caldaria, ollae, situlae, truae, canabi, craticulae, hydriae, ligulae, clebani, cyathi*. E, se passarmos ao capítulo dos meios de transporte, encontramos: *raeda, carruca, plaustrum, arcera, petorritum, cigium, essedum, covinus, carpentum, pilentum*. Excessos vocabulares, como estes, fatigam os pequenos estudantes a quem importa mais o vocabulário cultural que o usual.

Vamos tratar da estrutura sintáctica. Verificámos que, na obra, não houve a preocupação de graduar. Por isto, *Ciceronis Filius* apresentará, a princípio, sérias dificuldades a qualquer criança «*prima Latinae linguae elementa... ineunt*».

Estas observações em nada prejudicam a impressão geral que nos ficou da leitura de *Ciceronis Filius*. É uma obra que merece figurar na estante de todo o professor de latim.

MARIA ALICE N. GOUVEIA

WILLELMUS BUSCH, *Maximi et Mauriti Malefacta* (Max und Moritz)
ab Hugone Henrico Paoli latinis versibus enarrata. F. Le Monnier
Florentiae edidit a. d. MCMLIX, 61 pp.

A obra tem uma intenção didáctica, embora Paoli, com esta versão de *Max und Moritz*, não tenha pensado em apresentar, segundo cremos, um livro de textos que possam servir de base ao ensino do latim. Por um lado, o vocabulário e a teoria gramatical não foram limitados nem graduados; por outro, todos os sete *Maximi et Mauriti Malefacta* se alheiam por completo do mundo antigo. A obra apenas deve ser apreciada como uma tentativa para oferecer um livro que, pela variedade e inesperado das situações, pela graça e frescura da narrativa, convide as crianças à leitura. Confessemos que é necessária uma grande dose de optimismo para confiar no êxito de uma tentativa destas, na época actual... Mas, precisamente porque se trata de uma tentativa optimista e porque traduz um grande entusiasmo pela língua latina, merece toda a nossa simpatia.

É evidente que um trabalho, com as características deste, só se poderá pôr nas mãos de quem já domine a morfologia e grande parte da sintaxe latinas. Pelo assunto, a obra destina-se aos mais novos, mas a frase mostra-se demasiado complexa para principiantes; se pensarmos nos alunos que ultrapassaram a fase de iniciação, temos de reconhecer que estes, em plena adolescência, preferem outro género de leituras. A versão de Paoli ganharia, pois, se a estrutura da frase fosse mais simples, e até se o vocabulário fosse mais reduzido.

As gravuras merecem uma referência particular, já que uma das características da literatura infantil é o recurso à expressão visual. E, se, em qualquer época, a criança apreciou a explicação pela imagem, que dizer da criança actual permanentemente solicitada pela agitação exterior? Hoje, um livro infantil sem o domínio da imagem arrisca-se a ser imediatamente posto de lado. Neste aspecto, os *Maximi et Mauriti Malefacta* não correm perigo, pois a graça e ingenuidade das gravuras irão motivar o interesse dos pequenos leitores.

MARIA ALICE N. GOUVEIA